



casadesarmento

centro de estudos do património

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

FRANCISCO SANCHES. A DÚVIDA METÓDICA.

PASSOS, Carlos de

Ano: 1922 | Número: 32

Como citar este documento:

PASSOS, Carlos de, Francisco Sanches. A dúvida metódica. *Revista de Guimarães*, 32 (4) Out.-Dez. 1922, p. 386-390.

Casa de Sarmento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmento.uminho.pt

URL: www.csarmento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

FRANCISCO SANCHES: A DÚVIDA METÓDICA

Da tradição e dos lugares comuns da nossa terra é o dizer que não houve nunca filósofos em Portugal, nem suas seivas racicas são de molde a produzi-los. Um dos solenes desmentidos a tam frívolo assêrto está na figura de Francisco Sanches, o qual marcou na Idade Média uma acção famosa, quer na filosofia lusa, quer na de fora raia.

Em Braga, no ano de 1551, nasceu êle e foi seu pai o médico António Sanches (1). Lá começou os estudos que houve de acabar em Bordeus, para onde passaram a viver, com receios da Inquisição. E' que já então voejavam suspeitas de praticarem o judaísmo e não era prudente o deixá-las amadurecer! Acabada sua educação literário-científica no colégio de Guyenne, de farto renome ao tempo, largou para Itália, a frequentar, em várias universidades, as sciências matemáticas, físicas e médicas, depois do que voltou à França para se doutorar em medicina na Universidade de Montpellier, na qual, por certo tempo, leccionou algumas cadeiras. Como a questão religiosa nem lá o deixasse quieto, refugiou-se em Toulouse. E nesta cidade por 30 anos regeu filosofia e medicina além de servir os altos cargos de director regente da Faculdade das Artes e director médico do Hospital, — de tal modo se

(1) Por largo tempo se ignorou a freguesia de nascimento e a data precisa em que êste aconteceu. Para uns era de 1550 o ano; segundo outros, o de 1562. Há meses pereceram as dúvidas pela publicação da certidão de nascença, no *Boletim da Biblioteca de Braga*, n.º 3, achada pelo Ex.^{mo} Sr. Dr. José Machado. Por ela se prova ser de 1551 a data e S. João do Souto, a freguesia.

salientara como hábil cirurgião. Mas o exímio crédito que granjeou, nas suas doutrinas filosóficas — expendidas em várias obras — teve origem, porque constituíam elas um completo sistema de scepticismo. Sobre tôdas releva a de título *Quod nihil scitur*, na qual a lógica e a metafísica se provam como coisas vãs. E foi na Alemanha, mais que na França, que esta obra, precursora do criticismo, causou mor impressão.

Nessas obras declara-se Sanches um resolutivo negativista; por isso o podemos considerar, à vontade, como arauto de Bacon e Descartes, quando não como o último filósofo do classicismo. Mas o indubitável, de-certo, é haver sido êle um dos maiores influidores na nova orientação do pensamento humano.

Apesar de haver sido discípulo de Montaigne, é muito original sua filosofia e nela tem lugar distintivo o princípio inédito e curioso da dúvida metódica, que Descartes também desenvolveu, posteriormente. E' bom registrar esta nota!

Ao tempo que Francisco Sanches leu filosofia, era Aristóteles o filósofo querido da Espanha e da França, obrigatório nos centros de estudo. Ora a longa prática do ensino de suas doutrinas fê-lo conhecedor emérito e seguro dos seus êrros e vícios, filhos do abuso da dialéctica. Conjuntamente a prática da medicina fornecia-lhe o conhecimento da inanidade das divagações idealistas. E, por fim, a matemática completava êsses ensinamentos com sua lógica racional e progressiva.

Dest'arte se pôde formar o bizarro e original filósofo que foi o nosso Francisco Sanches. O ambiente ajudava e desenvolvia-lhe latamente suas manifestas tendências pessoais. E assim foi que Aristóteles — então em pleno esplendor — padeceu os ataques do seu profundo e independente scepticismo. A' certa que não o atacou firme e abertamente, mercê do exemplo de Ramus e da protecção dos grandes da França ao aristotelismo. Limitava-lhe isso a acção franca a mais o édito real que proibia seu ataque em público.

Mas não só ao sistema aristotélico desferiu seus assaltos; todos os dogmatismos, tôda a sagrada escolástica eram atingidos por seus conceitos e críticas.

Havia, pois, um fim nesse combate. Não, decerto, o de apresentar e recomendar sua doutrina filosófica como a única filosofia possível e válida, mas o de expurgar a ciência filosófica dos erros que a recheavam e suprimir os axiomas dogmáticos que pretensos sábios haviam imposto, em pró do restabelecimento da verdade. Eis algumas palavras suas: *Pretender expor com clareza e método sua opinião sobre a ciência filosófica espalhada geralmente: abster-se de demonstrar o scepticismo para não cair nos erros que aponta nos outros: estabelecer tanto quanto possível uma ciência sólida e fácil sem assentar em quimeras e sonhos e sem demandar um grande talento de subtilezas* ⁽¹⁾.

Disto deriva o princípio da dúvida metódica — o indivíduo quanto mais pensa, mais duvida — ao qual deveras se identifica o — *Cogito, ergo sum* — de Descartes.

Embora os filósofos do século XVI, anteriores a 1576, influíssem grandemente sobre Sanches, a verdade é que coisa alguma há em sua obra a demonstrá-lo. Mas o conhecimento profundo dos autores antigos junto aos elementos susoditos deviam conjugar-se e concorrer largamente para a originalidade dos seus princípios filosóficos. Roger Bacon falara de ciência experimental; Nicolau de Cusa e Vinci anunciavam a obra dum era nova para o pensamento humano. Depois mais o haviam de elucidar e dirigir no caminho novo que tomou as tendências manifestas do metodismo de Galileu e do scepticismo experimental de Sextus.

No método de Sanches há a considerar dois aspectos — o destrutivo e o construtivo. Este define-se por quatro princípios: seguir as sugestões da natureza no uso dos sentidos e da inteligência, abandonar-se à impulsão das tendências orgânicas, obedecer às leis e seguir os costumes da sua terra, exercer uma profissão. O melhor, o original, está, porém, na parte destrutiva ou negativa — ou seja a refutação das doutrinas aristotélicas — e na crítica do conhecimento perfeito. A refutação atinge mormente a lógica e a metafísica;

(1) *De Multo nobile*, prefácio.

naquela ataca a definição e a demonstração silogísticas, na segunda elimina os primeiros princípios e as causas efficientes, materiais, formais e finais. Nisto é sua atitude a dum fenomenista subjectivo, ao contrário de Aristóteles que tomara o ponto de vista objectivo.

Quanto ao conhecimento perfeito, verifica-se do seu exame a existência de três elementos: o sujeito que conhece, o objecto conhecido e o próprio conhecimento. O primeiro não pode conhecer perfeitamente o que lhe é dado como matéria de conhecimento, por não ser seu autor; o segundo não pode ser perfeitamente conhecido por implicar o conhecimento exacto de todos os objectos — um milagre de percepção; o terceiro não se pode obter, porquanto obrigaria êle à perfeição da inteligência humana — um impossível.

Tôda a parte negativa se resume numa só palavra, numa fórmula genérica: *Quid?*, pois que Sanches se confessa inda mais ignorante que Sócrates (o qual só sabia uma coisa: nada saber) e entende o dever de pôr-se a dúvida em tudo, té na própria ignorância.

Da complexidade do objecto de nossas investigações e, mais ainda, da crítica da nossa faculdade de conhecer tira êle a conclusão de ser muito relativa a nossa sciência. Pela imperfeição do meio, dos instrumentos e dos assuntos do conhecimento, há a concluir logicamente que o nosso saber é estéril. A natureza é incompreensível para um espírito fraco como o nosso. Assim, só nos resta o ter definições nominais e as aparências que lhes correspondem. E por aqui segue até à conclusão máxima, última: o homem não sabe nada, absolutamente nada. E eis a fonte da sua obra capital — *Quod nihil scitur* (1) que vai enfileirar na corda dos melhores tratados de scepticismo e que foi um vigoroso esforço tentado antes de Bacon para a reorganização das sciências como base preparatória da filosofia. A forma usada é sentenciosa; e começando por interrogar — *quid?* — assim acaba.

Convém registrar que essa fórmula empregada e mantida numa época de noções absolutas (natureza, vida, crenças, etc.) constituía uma proposição ativa,

(1) Pode ler-se, em excelente tradução, na *Revista de História*

destemida, a contrapor por sua relatividade ao absoluto corrente dos conhecimentos humanos.

Ele-próprio conta a marcha seguida em suas especulações filosóficas e como a sua paciência — incansável na busca da verdade — o levou, por fim, a duvidar da realidade de qualquer ciência. Daí o seu empenho de provar que o saber humano não vai até aos objectos em si próprios, à sua essência, mas se reduz ao produto da imaginação e das palavras.

Diversos contraditores apareceram à barra, Mathieu Simon, Daniel Hartnack, João Ulrich, mas como gente de inferior mérito, de escassa autoridade, nulo foi o resultado.

Coimbra, 1917.

CARLOS DE PASSOS.